

## **“UMA VIAGEM À ÁFRICA: PRÁTICA DE ENSINO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS”**

ÉMERSON GERARD DA SILVA RAMIRES<sup>1</sup>; MISAELO DOS ANJOS FERREIRA<sup>2</sup>;

MARINA SOARES MOTA<sup>3</sup>:

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – munhozesilva@outlook.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – pokerazer3@gmail.com

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas – msm.mari.gro@gmail.com

### **1. INTRODUÇÃO**

O racismo está arraigado na sociedade brasileira e assola as infâncias negras, gerando um impacto negativo na construção e desenvolvimento dessas crianças. Diante disso, este trabalho justifica-se pela necessidade de maior representatividade negra nas escolas, tanto no currículo quanto nas práticas pedagógicas no ensino de história no que se refere às relações étnico-raciais, promovendo um ambiente de respeito e valorização da diversidade. Reconhecer a concepção da estrutura do racismo estrutural em diferentes camadas da sociedade, sobretudo, na história (NOGUERA, 2019).

A construção do planejamento pedagógico foi pautada essencialmente na utilização de recursos midiáticos, e fontes históricas, como desenhos animados e pinturas. A atividade foi concretizada na Escola Municipal de Ensino Infantil Luciana de Araújo, da cidade de Pelotas, a convite da Secretaria Municipal de Igualdade Racial, com o destino de alunos do primeiro ao quinto ano do ensino fundamental. Sendo esta realizada no dia vinte e quatro de maio, um sábado letivo e ministrada pelos autores, Emerson Gerard da Silva Ramires e Misael dos Anjos Ferreira.

O seguinte trabalho se propõe a relatar a experiência de ensino protagonizada por seus autores, na Escola Municipal de Ensino Infantil Luciana de Araújo, a proposição desta atividade foi conduzida através de uma ação da Secretaria Municipal de Igualdade Racial de Pelotas. A atividade foi destinada aos alunos do 1º ao 5º ano do ensino fundamental I, durante um sábado letivo. Com o mote nas questões históricas do racismo estrutural e do processo de escravização no contexto brasileiro, com a utilização de fontes de jornais, com a venda de escravos, animações com personagens negros que se utilizam de temática africanas, como o caso do Pantera Negra, mídias e uso de fontes para o ensino de história, pensadas enquanto possibilidade lúdica endereçada a crianças do ensino infantil, juntamente com uma atividade prática que elucida aos alunos brincadeiras das crianças africanas da sua mesma faixa etária, e que foi proposto a brincadeira e a prática da mesma no espaço escolar, ressaltando também a oralidade no ensino de história e a prática cultural.

## 2. ATIVIDADES REALIZADAS

O mote da atividade foi formulado a partir de uma proposta que insere-os em uma viagem ao continente africano, para isto, criou-se um slide criativo em formato de um “bilhete de viagem” ocupou o papel de prática pedagógica, do qual os alunos foram instigados a desenharem, de acordo com as suas impressões do conteúdo apresentado mediante, as mídias, como as animações infantis, e para além disso, fontes históricas e pinturas de quadros, de tal maneira em que possibilitou aos alunos, que dessem significado por meio de desenhos, ou escrita à viagem. Para exemplificar o racismo estrutural através do questionamento e através da presente abordagem, foi inserido o conto de “Sulwe” de Lupita Nyong’O, conto infantil sobre a infância negra, que debate a respeito de empoderamento, e da valorização da sua negritude.

Através da utilização do projetor, aspectos culturais do filme “Pantera Negra” foram utilizados como intersecção entre a cultura popular e problematizados tratando de herança africana e representatividade, o uso de filmes e séries tem sido cada dia mais comum para compreensão reflexiva. Nesse sentido a animação, “Super Choque” foi utilizada por meio de pequenos recortes em vídeos, com intuito de dialogar acerca dos diversos aspectos culturais do Pan-Africanismo, portanto, enxergando com outros olhos as produções midiáticas que se fazem presente no imaginário popular. Os traços culturais do racismo estrutural permanecem ativamente, diante disso, é dialogado em como eram as infâncias negras durante o período colonial, que cresceu em meio à escravidão ou sob a segregação racial, enfatizando, a diferença da infância negra em relação as demais, a partir da utilização de pinturas e imagens, questionando a posição do negro enquanto subalterno, de forma a instigar os alunos a observarem essas imagens e relatarem oralmente as suas interpretações.

Ademais, dentro do caráter de viagem e imaginação dado à atividade, é apresentado a cultura específica de Ghana, com grifo na capital, Accra e o modo de recreação infantil natural do país. A brincadeira “Ampe” é natural do costeiro, e é essencialmente um dos métodos recreativos mais utilizados pelas crianças Ghanense, na qual, é feita uma aplicação prática dentro da sala de aula com a instrução dos autores, posteriormente é ingressada à cultura Camaronesa e apresentada a brincadeira, Ekak (OLIVEIRA, 2020).



**Figura 1:** Apresentação do trabalho em sala de aula.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, é preciso compreender que a atividade é fruto das experiências nas infâncias dos autores, e sendo compreendida apenas na fase adulta do desenvolvimento cognitivo dos mesmos. Apesar de estarem em corpos negros, suas experiências somente foram assimiladas as relações étnico-raciais na fase adulta por falta de letramento racial e de um currículo escolar que não se propõe, além de datas festivas, a pensar nas relações interraciais, mascarando-as no período da infância, dentro do pacto da branquitude.

A partir da atividade realizada na escola, as reflexões a respeito de raça, subalternização do negro e sua pujança na história, foram contempladas e profundamente debatidas mediante uma conexão entre o cotidiano e representações imagéticas. Tornando assim, uma atividade extremamente frutífera para o senso analítico e reflexivo dos autores, estabelecendo conexões que darão novas formas à continuidade da jornada acadêmica dos mesmos.

### 4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GOMES, Nilma Lino. **Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos.** , [S. l.], v. 12, n. 1, p. 98-109, jan./abr. 2012. Disponível em: [www.curriculosemfronteiras.org](http://www.curriculosemfronteiras.org). Acesso em: 26 ago. 2025.

NOGUERA, R.; ALVES, L. P. **Infâncias diante do racismo: teses para um bom combate.** *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v.44, n.2, e88362, 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2175-623688362>. Acesso em: 26 abr. 2025.

OLIVEIRA, D. de. **Racismo estrutural**. In: BENTO, M. A. S. (Org.). Racismos, sexismos e desigualdades: os corpos importam. São Paulo: Fundação Santillana; Moderna, 2020. Cap.2, p.29–42.